

**Título: A ORGIA DO TEMPO**

Autor: Duarte Baião

«Nunca digas nunca.» Não sei quantas vezes te ouvi dizer isto, mas a verdade é que te vejo muito mais agarrada ao Sempre que ao Nunca que nunca dizes. Tens tanta razão... Nunca é tarde para dizer Sempre. Mas é sempre cedo para dizer Nunca. Vou contar-te uma história. O Nunca e o Sempre são filhos de sangue da Vida, sabias? Sabias que há muitos, muitos anos, o Nunca e o Sempre tiveram uma relação incestuosa com a Vida, e que dessa orgia diabólica entre mãe e filhos nasceu em pecado um bastardo? Chamaram-lhe Tempo. Não se tem a certeza sobre quem fez esse filho à Vida – se foi o Sempre ou o Nunca, os testes de ADN ainda não tinham sido inventados. Mas o Tempo foi gerado e parido como óbvia projeção dos três: ao óvulo da Vida, que é sempre fértil, juntou-se o esperma do Sempre e do Nunca, e nasceu um Tempo perfeitinho e redondo, mas não desejado. O Tempo é, por inerência, um mal amado – ou porque parece curto quando estamos felizes, ou porque parece interminável quando estamos tristes. Não há maneira de o Tempo ser a coisa certa, apesar de ser perfeito. Ninguém ama o Tempo. Eu detesto o Tempo, sobretudo quando me pedem Tempo. O Tempo é dinheiro, dizem, e eu sou um teso, não o ofereço à toa porque tenho pressa de ter Vida no bolso. Sou pontual, estupidamente pontual. E, como te dizia, nunca é tarde para dizer Sempre. Mas é sempre cedo para dizer Nunca. Sabes porquê? Porque o Nunca é precedido de um Sempre qualquer. A ver se me entendes... Nunca te tinha conhecido antes de te dares a conhecer. E ainda assim sempre estiveste lá, à mão de semear. Lá nos mesmíssimos sítios onde eu estava também, sem nunca termos dado conta disso e sempre termos vivido isso. Na altura eras Nunca. Porém, estou convencido de que te conheci Sempre, mesmo antes de seres Nunca e eu não te conhecer. Hoje, nestes dias mal amados, tenho a certeza de que há um Tempo antes do Nunca que fomos e do Sempre que talvez venhamos a ser. Sempre te comprehendi e aceitei naqueles momentos em que os teus olhos se vestiam de Nunca. Não te amei Nunca, mas Sempre te amei. Nunca te amei quando me faltava conhecer-te a Vida, até que ela nos trouxe um Tempo que ficou para Sempre. E sempre te amei porque já me existias nessa coisa feita de Nunca e de Sempre e de Vida e de Tempo a que se chama Sonho. Sempre sonhei com alguém como tu, sem nunca te ter visto. Eras um ideal que nunca se materializara antes de te conhecer. Foste sempre o que sempre inventei em mim – desde pequenino construí-temeticulosamente. Nunca estiveste fisicamente presente até àquele tempo, mas estiveste Sempre para lá daquele tempo e de todos os tempos em que te vestiste de Nunca. Inventei-te em sonhos de criança e adolescente e adulto. E nunca quis nada diferente. Inventei-te. Como se fosses uma mentira Sempre, e Nunca verdade. E depois fizeste-te Tempo. És o meu Tempo e o meu Sempre e o meu Nunca. És a mentira mais bela que alguma vez podia ter criado. Vida. E a verdade mais mentirosa que tenho. Para quê mentir-me mais, então? Para quê mentir-te mais, então? Porque a verdade é que é mentira. É mentira que não estejas onde estou. É mentira que não te toco a pele e a alma Sempre, sem que Nunca sintas. É mentira que me morres porque és Vida. Nunca me morres, mesmo quando tento que me morras com o Tempo. A verdade é essa. Nunca me morres. Nunca. Ficas Sempre. Sempre Vida.